

## El tiempo que no he tenido el cielo azul: o exílio de Gioconda Belli

The time I haven't had the blue sky: the exile of Gioconda Belli

### Resumo

Procuramos analisar a experiência exílica da nicaraguense Gioconda Belli (1948-), militante da *Frente Sandinista de Liberación Nacional* (FSLN), a partir da narrativa construída pela autora em três de seus livros: o de poemas *Línea de fuego* (1978), o seu primeiro romance *La mujer habitada* (1988) e suas memórias *El país bajo mi piel* (2001). A partir dessa análise identificamos três eixos centrais: sua função intelectual; sua atuação política; e as contradições colocadas pelas diferenças de gênero que são aprofundadas quando o assunto é a maternidade. Dessa forma, buscamos destacar as especificidades da experiência das mulheres militantes e intelectuais, compreendendo o exílio político como parte de uma política dos governos autoritários no contexto latino-americano da segunda metade do século XX.

**Palavras-chave:** Exílio latino-americano, Estudos de gênero, História dos Intelectuais

### Abstract

In this article we seek to analyze the exile experience of the nicaraguan Gioconda Belli (1948-), a member of the Sandinista National Liberation Front, based on the narrative constructed by the author in three of her books: her book of poems *Línea de fuego* (1978), her first novel *La mujer habitada* (1988), and her memoirs *El País bajo mi piel* (2001). From this analysis, we identified three central axes: her intellectual function; her political performance; and the contradictions posed by gender differences that are deepened when it comes to motherhood. In this way, we seek to highlight the specificities of the experience of women activists and intellectuals, understanding political exile as part of a policy of authoritarian governments in the Latin American context of the second half of the 20th century.

**Keyword:** Latin American exile, Gender studies, History of Intellectuals

Fecha de recepción: 01 de junio de 2020

Fecha de aceptación: 26 de agosto de 2020

## El tiempo que no he tenido el cielo azul: o exílio de Gioconda Belli

The time I haven't had the blue sky: the exile of Gioconda Belli

Stella Ferreira Gontijo\*

Dos cosas que yo no decidí decidieron mi vida:  
el país donde nací y el sexo con el que vine al  
mundo. (Belli, 2010 [2001]: 11)

### Introdução

Na segunda metade do século XX, notadamente a partir da década de 1970, Gioconda Belli se integra ao movimento revolucionário nicaraguense, na América Central, aderindo a luta empreendida pela *Frente Sandinista de Liberación Nacional* (FSLN). A premiada escritora e intelectual, nascida na Nicarágua, de origem de classe média alta, da burguesia desse país, destacou-se pelo papel que desempenhou tanto durante a luta insurrecional, quanto no governo sandinista que se estabelece a partir de 1979. Durante toda sua militância na FSLN, que finda em 1993 quando ela rompe com esta organização, Belli atua politicamente prioritariamente através de sua função intelectual, por isso, não por acaso, sua atuação política confunde-se com sua produção bibliográfica. Como narra em suas memórias *El país bajo mi piel – memorias de amor y guerra* (2010 [2001]), o amor pela escrita e pela libertação do seu povo nascem simultaneamente e, é através da sua produção, que formula sobre a experiência e o projeto revolucionário, sendo também este um dos lugares de sua atuação política.

É importante termos de antemão a compreensão de que as pesquisas que se debruçam na experiência exílica de mulheres é algo com menor presença na historiografia. Na maioria dos casos estudados, as mulheres são tratadas como acompanhantes de militantes políticos com saída forçada de seus respectivos países, e pouco têm-se estudado sobre a vivência específica das mulheres em relação a esse tema, tendo elas como sujeito historiográfico e a diferença de gênero como categoria de análise. São múltiplas as mulheres condenadas ao exílio. Muitas dessas militantes políticas “desdenhavam” das outras que se encontravam no exílio “apenas” como companheiras de seus maridos, e relatam que, na situação que se deparam fora seu país, a diferença de gênero pôde ser sentida mais fortemente, o que, em muitos casos, elevou à situação de opressão a superfície, levando-as a adquirir “consciência de gênero” – que não era um debate consolidado no interior das esquerdas sendo, na maioria dos casos, relegado a segundo plano, ou considerado como elemento divisor da unidade de classe<sup>1</sup>

---

\* Doutoranda em História na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: sfgontijo@gmail.com  
<sup>1</sup>Essa questão fica latente entre as militantes do Cone Sul que vão para o exílio principalmente na França, onde têm contato próximo com o feminismo e desenvolve o que Michéle Perrot chama de “consciência de gênero”: “E os movimentos feministas, de início vistos de esguelha, considerados um desvio na prioridade da luta de classes, assumem importância crescente no horizonte dessas mulheres.” (Soihet, 2010: 212) Apesar desse elemento ser comum nas experiências exílicas das mulheres latino-americanas, temos que partir do entendimento de que no interior da FSLN e da AMNLAE o debate de gênero era colocado com certa centralidade no interior da organização e do projeto revolucionário.

(Soihet, 2010). Não podemos nos esquecer que essas mulheres não constituem um bloco homogêneo, o que faz necessário para análise nos balizarmos pelas questões interseccionais de classe, raça e sexualidade, para abarcarmos a diversidade dessas sujeitas.

Sendo assim, ao pensarmos o exílio, não podemos nos furtar de um olhar que parta da diferença de gênero pois, devido as funções sociais conferidas de maneira diferenciada a homens e mulheres, as experiências se diferem, já que lhes são demandadas questões distintas, ou seja, apesar da situação comum, os sentidos da experiência são diferentes. Essas disparidades, como veremos a partir do exemplo de Gioconda Belli<sup>2</sup>, ficam latentes no exílio, manifestando-se tanto nas questões relativas ao ser mulher e a maternidade, quanto no que diz respeito a vivência no interior das organizações revolucionárias. Sendo assim, é importante um olhar que parta dessas diferenças, entendidas não como algo natural, mas como social e culturalmente construído, uma determinação estrutural hegemônica fundamental para compreendermos os diversos processos históricos, dentre eles a experiência do exílio. Ângela Xavier de Brito e Ana Vasquez (2007), entendem que, de início, a identidade e os laços de solidariedade forjados entre exiladas/os no compartilhamento de ideais, são comuns para homens e mulheres, prevalecendo um sentimento acompanhado pela culpa – pelo abandono de familiares, amores e amizades, por haver companheiras/os que permaneceram expostos à violência e repressão do Estado que deixaram fisicamente pra trás - e pelo desejo de retorno, com a expectativa comum de viverem um parêntese, construindo visões romantizadas do país natal. As discrepâncias se tornam explícitas no cotidiano, no imaginário social coletivo.

A participação política das mulheres impõe mudanças significativas em suas vidas, pois, a dupla jornada de trabalho – tarefas profissionais e domésticas – torna-se tripla com a adição da militância. Já no que diz respeito a recepção da sociedade, normalmente eram vistas como inferiores, pois o prestígio de herói político e intelectual era majoritariamente conferido aos homens, além do reconhecimento deles como chefes das famílias, o que lhes garantia empregos ou auxílios dos governos receptores. Nesse sentido, para as autoras (Brito; Vasquez, 2007: 22), muitas vezes o exílio significou retrocessos em relação aos papéis sociais de gênero, já que, aos homens, “essas condições sociais lhes permitem recriar no exílio suas atividades políticas, enquanto as mulheres ficam reduzidas às tarefas ‘femininas’ para as quais tinham sido socializadas: alimentar, vestir, cuidar, criar os filhos.” A diferença de gênero também fica latente quando a maioria dos homens se ocupam de tarefas externas, de organização de debates e fóruns políticos, enquanto as mulheres buscam manter a cultura originária no espaço privado, no cotidiano dos cuidados.

Para realização deste trabalho, partimos de algumas concepções teórico-metodológicas que devem ser consideradas. Corroborando com a perspectiva adotada

---

2 Trabalhamos com a análise das obras e da trajetória de Gioconda Belli em nossa dissertação de mestrado, contudo o elemento do exílio apareceu sem ser explorado. Com isso, este trabalho tem como objetivo, a partir do acúmulo da dissertação, aprofundar na temática exílica a partir da experiência de Gioconda Belli. A dissertação foi defendida sob o título “*Hasta que seamos libres: feminismo e Revolución Sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972 – 1993)*”, defendida em março de 2019, pela Universidade Federal Fluminense e com orientação da Profa. Dra. Elisa de Campos Borges. Encontra-se disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/2361.pdf>>

pelos Estudos de Gênero<sup>3</sup> e pela Teoria Decolonial<sup>4</sup>, de que a narrativa histórica produzida até hoje está vinculada a manutenção do poder Ocidental, sendo este masculino, heterossexista, branco e cristão. Ou seja, o conhecimento produzido está imerso numa geopolítica do conhecimento em que as contribuições do Norte global detém maior reconhecimento e influência, tendo como objetivo a reprodução e manutenção da colonialidade do poder, através da colonialidade do saber (Mignolo,2008). Sendo assim, a História produzida até aqui, além de narrar a perspectiva do homem, sob um pretexto de universalidade, não só não contempla a trajetória das mulheres, como ignora a diferença de gênero como algo estruturante da organização social moderna e Ocidental. Assim, compreendemos que é necessário que tenhamos o gênero como categoria de análise histórica, mas, também a partir de uma perspectiva que leve em conta não o sujeito universal mulher, mas, no nosso caso, as mulheres latino-americanas em sua diversidade.

A visão de quem é o intelectual é partícipe da lógica hegemônica do conhecido e, por isso, ao fazermos uma análise da trajetória político-intelectual de Belli, não nos furtamos da História Intelectual e das/os Intelectuais(Sirinelli, 1996; Altamirano, 2002, 2006; 2006: Gilman, 2003), partindo da perspectiva crítica apontada. Belli é considerada por autores, como Hector Feliciano e Aramando Chaguaceda (2013), como “voz autorizada da Revolução”, e ela mesma se considera uma intelectual, compreendendo a função da escrita como “ato de rebeldia”. Sendo assim, a nossa definição corrobora com aquela defendida por Edward Said (2005), do papel da/o intelectual como questionador/a do *status quo*, relacionando sua produção com o contexto e o lugar de onde fala, assumindo um papel público. No caso de Belli esses elementos são colocador em cena por utilizar de sua escrita para atuar na esfera pública, combatendo o poder institucionalizado da ditadura somozista, e por questionar o estereótipo de feminino outorgado às mulheres (Gontijo, 2019: 22).

Além disso, trabalhar com memória, literatura e poesia requer trabalhar com fontes que nos dão acesso a narrativas produzidas por sujeitos subalternizados. Como afirma Ángel Rama (*apud* Rocca, 2008: 66), “não escolhemos a literatura latino-americana por ser superior ou mais qualificada, mas simplesmente porque nela estamos, nela somos.” Mas, devemos ter critérios metodológicos a fim de não misturarmos a narrativa memorialística com a produzida pela história. Ao analisar memórias, compreendemos que a perspectiva crítica é fundamental para o trabalho do/a historiador/a, pois ambas nos fornecem um acesso diferenciado ao passado. Como afirma Adriane Costa (2007: 68), “a memória se atualiza no presente, no ‘eterno presente’, é espontânea e afetiva, como também múltipla e vulnerável. Ao passo que a história é o seu contrário: uma reconstrução intelectual que demanda análise, explicação e uma representação sistematizada e crítica do passado”.

Importante ressaltar que não encontramos trabalhos de fôlego na história antes da dissertação defendida em 2019. No mesmo período, Amanda Maia Vanucci (2019) defendeu, também na UFF, outro trabalho importante a respeito da análise da obra Belli e sua relação com o processo revolucionário. Contudo, a maior parte dos trabalhos sobre a autora são do campo da crítica literária, o que não dialoga propriamente com a

---

3 Temos como principais autoras de referência, além do texto clássico de Joan Scott, o debate empreendido pelas historiadoras brasileiras: Margaret Rago, Joana Maria Pedro e Rachel Soihet.

4 Referências importantes que balizam nosso debate: Aníbal Quijano, Luciana Ballestrin, Maria Lugones, Rita Segato e Walter Mignolo.

discussão historiográfica que propomos e não contribui diretamente para a análise crítica da trajetória belliana que nos desafiamos a fazer.

### **A diferença de gênero como categoria de análise para experiência exílica das mulheres latino-americanas: a militância político-intelectual de Gioconda Belli**

Belli é de família de classe média, da alta burguesia nicaraguense, de um meio que não reivindicava o somozismo, pelo contrário. Contudo, o limite dessa oposição se deparava com os privilégios de classe, “se não ameaçasse o *status quo* e os privilégios que passavam pela manutenção da desigualdade, não se opunham de maneira radical à ditadura; ao mesmo tempo em que não aceitavam os membros do governo e do partido como iguais.” (Gontijo, 2019: 34).

Sendo assim, sua família operava o descontentamento com o governo estabelecido dentro da “legalidade” do regime constituído. Nesse meio, a autora se colocava politicamente como anti-somozista desde o início da década de 1960, mas, sua visão sobre os sandinistas era de algo distante, ao mesmo tempo em que inspirava respeito, “se los consideraba peligrosos, subversivos, comunistas. Operaban en la clandestinidad. Entre la gente de mi clase no se hablaba de ellos. Se los temía.” (Belli, 2010 [2001]: 53) Leva tempo para que a autora se convença de que a luta armada seria de fato o único caminho para emancipação política da Nicarágua, o que é integrado a sua compreensão como alternativa quando se depara com a violência do Estado nicaraguense, e a impossibilidade de se fazer oposição efetiva dentro dos limites das manifestações nas ruas, nas disputas parlamentares e nos jornais.

Essa realidade se escancara para autora após o terremoto de 1972, em que o governo Somoza passa a desviar verba e bens de ajuda humanitária. Antes desse episódio ela já se organizava por meio do *Grupo Grada*, através da resistência cultural<sup>5</sup>, além de escrever artigos para o jornal *La Prensa* sob o pseudônimo de Eva Salvatierra. Com a rejeição do povo nicaraguense ao que o Estado fazia com o desvio de recursos humanitários e ausência de um projeto de reconstrução da capital Manágua, têm-se um acirramento da crise política que intensifica a repressão, junto de uma crise econômica. Nesse contexto Belli se aproxima da FSLN, tornando-se uma militante da Frente quando faz seu juramento em 1972, convencida por Camilo Ortega, ao compreender que a luta política seria um meio de transformação revolucionária que envolveria o futuro de sua filha, sem estar em conflito com a maternidade e, pelo contrário, sendo complementar e essencial.

Pela atuação intelectual, já com seu primeiro livro, *Sobre la grama* (1972), choca seus familiares pelo tom de liberdade, pela forma como trata da sexualidade feminina sem pudor e conservadorismo, ao falar da menstruação e da maternidade com naturalidade, algo inconcebível para tradicional elite cristã e conservadora da Nicarágua. Segundo ela, desde o início, resistência a ditadura, questionamento dos papéis de gênero e a intelectualidade são coisas que se misturam em sua trajetória:

---

5 “organizado por Rosario Murillo, buscava reorganizar a atividade artística e a cultura, por meio de eventos nos bairros, principalmente com base nas canções de protesto de Carlos Mejía Godoy. Tinham o apoio da Igreja e, quando começaram a ser perseguidos pela Guarda Nacional, ‘los curas progresistas animados por la Teología de la Liberación ofrecieron refugio a los artistas. De las gradas de las iglesias se pasó al interior.’” (Gontijo, 2019: 53)

No sé en qué orden sucedieron las cosas. Si fue primero la poesía o la conspiración. En mi memoria de ese tiempo las imágenes son luminosas y todas en primer plano. La euforia vital encontró cauce en la poesía. Apropiarme de mis plenos poderes de mujer me llevó a sacudirme la impotencia frente a la dictadura y la miseria. (Belli: 2010 [2001]: 56)

Logo no início de sua trajetória, Belli é consagrada como poetisa ao receber o prêmio *Casa de las América*<sup>6</sup>, em 1978, pelo seu livro *Línea de fuego*, publicado no mesmo ano desde o exílio no México. Esta obra contém poemas que tratam, prioritariamente, do processo revolucionário e da experiência exílica e, devido ao prestígio de dita instituição, considerada como o “centro revolucionário da cultura latinoamericana”, a autora considera a premiação como útil principalmente por dar visibilidade as denúncias do que ocorria em seu país natal. Cláudia Gilman (2003: 80) reforça a importância da instituição cubana, segundo a qual, “durante largos años, Casa de las Américas centralizo, coopto, redistribuyo y legitimó nombres y discursos, en un sistema de préstamos y ecos con otras revistas del continente”, assim, contribuiu para divulgação, a nível internacional, da luta sandinista, e proporcionou visibilidade à Belli no meio intelectual. É a partir de sua função intelectual que Belli organiza uma rede internacional, a partir do seu exílio na Costa Rica e no México, de artistas e escritores, a fim de denunciar os abusos cometidos pela ditadura Somozista<sup>7</sup> na Nicarágua, governo este que contava com apoio e financiamento dos Estados Unidos, inserido num projeto imperialista de dominação político-econômica, cultural, e das mentalidades na América Latina.

Desde o início de sua trajetória Belli dá sentido à sua literatura como ferramenta revolucionária, entendendo essa atividade como uma função política para Revolução. Para além da luta política pela libertação do povo nicaraguense, também considerava como de igual importância para o projeto revolucionário, a emancipação e uma agenda política das e para as mulheres, o que fica explícito em suas obras que, de maneira transversal, trata do sujeito feminino, colocando as mulheres como sujeitas da literatura e da História a partir do momento em que são as protagonistas de suas produções.

---

6 “Instituição cubana criada em março de 1959, considerada como o ‘centro revolucionário da cultura latinoamericana’, com revista de mesmo nome, em que publicaram os autores do boom, Carlos Fuentes, Júlio Cortázar, Vargas Llosa. Foi dirigida, até julho de 1980, por Haydeé Santamaría, e se definiu como ‘uma instituição cultural dirigida a servir todos os povos do continente em sua luta pela liberdade’. (Gilman, 2003: 78)” (Gontijo, 2019)

7 Ditadura familiar dos Somoza, que toma e se mantém no poder com apoio dos EUA, de 1936 até a vitória da FSLN em julho de 1979. Cronologicamente são: Anastasio Somoza García, Tacho (1936–1956), após seu falecimento, sucedido por seu filho Luis Somoza Debayle (1957–1962), René Schick (1963–1966) y Lorenzo Guerrero (1966–1967) e, por fim, Anastasio Somoza Debayle (1967–1979). A luta da FSLN recupera a memória de Sandino, “um importante general que ameaçava a hegemonia conservadora e norte-americana na Nicarágua, Sandino é assassinado neste mesmo ano [1934], a mando de Somoza, que também massacrava as colônias agrícolas fundadas por ele e deu um golpe de Estado em 1936, dando início ao Estado Somozista. [...] [que] se estabeleceu, então, tendo a Guarda Nacional como núcleo, constituindo um governo independente das contendas históricas estabelecidas entre os grupos dominantes (liberais x conservadores), além do forte apoio dos EUA. Assim, Somoza forja sua autoridade a partir do sustentáculo norte-americano e da aceitação por parte da oligarquia local, usando a economia como um meio de controle político, e vice-versa.” (Gontijo, 2019: p.86-87)

Ao se integrar a FSLN, insere-se nos debates de gênero, aproximando-se da *Asociación de Mujeres Luiza Amanda Espinoza* (AMNLAE)<sup>8</sup>, que deu a tônica acerca da participação das mulheres na Revolução Sandinista, atuação essa que foi fundamental para a vitória revolucionária<sup>9</sup>. Para essa organização, que integra as fileiras da Frente, o lema era: “No hay revolución sin emancipación de las mujeres, no hay emancipación de las mujeres sin revolución”. Portanto, devemos compreender a atuação político-intelectual de Gioconda Belli desde sua compreensão enquanto intelectual feminista, que buscava propor uma agenda política para as mulheres, assim como, transformar os papéis de gênero no interior da concepção revolucionária para, a partir daí, analisarmos sua obra e sua trajetória, a fim de entendermos qual papel foi conferido ao exílio.

Não podemos perder de vista que sua atuação se estabelece num contexto marcado pela mobilização das esquerdas latino-americanas, em meio à Guerra Fria e após a vitória do povo cubano em 1959, que tornou possível e colocou em prática o sonho revolucionário. No caso sandinista e da militância de Belli, que se inicia em 1972, têm-se ainda vivo o sonho revolucionário chileno com o governo da Unidade Popular nas mãos de Salvador Allende<sup>10</sup>. Nesse momento, desde a década de 1960, os e as intelectuais desempenhavam uma função que Ángel Rama (1998) define como um novo papel, tornando-se estruturadores “da nova ordem social”. Essas figuras, muitas delas comprometidas com a luta de libertação nacional dos países do continente, em sua grande maioria se identificavam com as ideias socialistas, vinculando-se a uma atuação politizada, que tinha os EUA como inimigo comum das nações latino-americanas, marcada pela ingerência política e econômica da nação imperialista, que financiava os regimes ditatoriais e autoritários na região.

Para Cláudia Gilman (2003: 62), destaca como fundamental o papel desempenhado pelos/as intelectuais nesse momento: “los intelectuales, no necesariamente con las armas em la mano, consideraron como parte de su función la colaboración para el crecimiento de las condiciones subjetivas de la revolución.” Dessa forma, podemos compreender a atuação de Belli nessa perspectiva, já que suas produções levantaram novas questões, perturbaram o *status quo*, sendo duramente criticada ao trazer protagonismo as mulheres e a sexualidade feminina, para além de formular sobre o debate revolucionário numa compreensão diferente da tradicional, ela parte de uma concepção contra-hegemônica ao não ter como centro o sujeito e

---

8 “[...] o grupo de mulheres que se organizou anteriormente à vitória revolucionária na AMPRONAC tornou-se uma organização popular chamada ‘Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinoza’ (AMNLAE), homenageando a mulher de mesmo nome que foi a primeira a ser morta pela Guarda Nacional. Elas compreendiam que, além de priorizar as lutas definidas pelo Diretório Nacional da Frente, também deveriam focar em questões relativas aos interesses sociais e econômicos das mulheres [...] A grosso modo, a AMNLAE funcionava como uma estrutura da FSLN e como o restante de suas organizações de massa, de forma que, segundo Gema Saéz, a ‘AMNLAE funcionó como organización capaz de integrar a todos los sectores femeninos de la población civil mediante la creación de numerosos comités que tomaban como punto de partida la maternidad’. Assim, usavam o discurso da maternidade para ressignificar o feminino, ao mesmo tempo em que se contrapunham ao imaginário de feminino construído no somozismo. A partir do lugar tradicional da mãe, era ‘entendido desde una perspectiva revolucionaria, pero sin cuestionar el orden social al fin y al cabo’” (Gontijo, 2019: 121-122)

9 As mulheres representavam 30% da força armada da guerrilha sandinista, feito inédito nas esquerdas e determinante para o papel conferido às mulheres durante todo o processo revolucionário.

10 É uma ampla discussão no que diz respeito a diferença dos projetos revolucionários cubano, chileno e nicaraguense, que não seria possível abarcar com a profundidade devida no presente artigo, demandando um trabalho a parte.

experiência masculina como universais. Esses elementos por si só já causavam incômodos, ao vir de uma mulher causava muito mais. Assim, concluimos que, os debates politizados em sua literatura e o sentido que ela dá tanto para a Revolução quanto para o lugar das mulheres na sociedade e na política, serão os temas fundamentais de sua produção (Gontijo, 2019: 43).

Sua atuação no movimento revolucionário se estabelece de maneira progressiva. De início, reservava-se a tarefa de correio clandestino, de transporte de militantes perseguidos pela Guarda Nacional (GN) de Somoza e que, por isso, viviam na clandestinidade. Além disso, organizava redes de colaboradores/as e medicamentos para as guerrilhas e, como já citamos, escrevia artigos para o jornal *La Prensa* sob o pseudônimo de Eva Salvatierra; também chegou a receber treinamento militar e instrução de tiro.

Desde o início, sua produção literária é tida como fundamental para sua atuação militante, visto que era utilizada para denunciar tanto a ditadura que vivia a Nicarágua, quanto as diferenças de gênero que oprimiam as mulheres. Logo é censurada em seu país, devido ao tom de denúncia de suas obras e, principalmente, após usar de suas credenciais como escritora para obter informações especiais que tornaram possíveis o sequestro na casa de Castillo<sup>11</sup> pela FSLN, em 1974, ação esta responsável pela sua condenação ao exílio. Belli participa da ação de logística que organizou o sequestro do embaixador norte-americano que encontrava-se na casa do ministro somozista Castillo. Usou de suas credenciais como escritora para entrar nas embaixadas dos países, com a justificativa de buscar tradução e promoção internacional de seus livros, mas com o real objetivo de reconhecer o espaço físico e desenhar as plantas arquitetônicas dos lugares que, posteriormente, foi o material utilizado para definir em qual lugar, e como, seria realizada essa ação. Segundo ela, “sacudiendo la melena para atrás y sorbiendo el café, asumí mi papel de poeta y mujer refinada que ve sus horizontes limitados por el atraso de su país.” (Belli, 2010 [2001]: 116)

As diversas atividades que desempenhava – intelectual, escritora, poetisa, militante -, se entrelaçavam e se misturavam com tarefas revolucionárias, mas, para compreendê-la, devemos da centralidade a outras duas características relevantes para sua atuação e visão de mundo: sua origem de classe média alta e a maternidade. As contradições de sua socialização conservadora e os privilégios com os quais contava, a importância dada para sua vida a partir de seu lugar de mulher-esposa e de mulher-mãe desde uma perspectiva patriarcal na qual lhe era negada grande parcela de autonomia, são elementos com os quais lidará em toda sua trajetória, com implicações emocionais e práticas em seu lugar de formulação teórica e em sua atuação política. Ela sentia a culpa da maternidade por, em muitos momentos, deixas as filhas para desempenhar determinada função, como ocorreu no momento em que é forçada a partir para o exílio.

Sendo assim, considera que vivia duas vidas, assumia dois papéis: em alguns momentos era uma mulher de classe abastada, trabalhadora, mãe e esposa, em outros, era militante e intelectual comprometida com ideais de transformação da sociedade. Como forma de conciliação entre ambos, acaba, em diversos momentos, usando da primeira Gioconda Belli, para favorecer as práticas cotidianas desempenhadas pela

---

11 Ministro somozista José María “Chema” Castillo.

segunda, que vivia clandestina em seu meio social, mas aproveitando-se do seu disfarce de classe para atuar policamente.

Em seu primeiro romance, *La mujer habitada* (1996 [1988]), a realidade toma conta da ficção, o que nos leva a inserir este livro dentro da narrativa memorialística, por tratar dos acontecimentos que levaram Belli para militância política, descrevendo de maneira lúdica o planejamento da ação que a leva ao exílio, ficcionalizando o contexto histórico. Para José Ángel Vargas Vargas (2018: s/p.), essas são “obras que construyen una visión crítica y mágica del entorno centroamericano, elaborada con una aguda percepción de la realidad e incorporando, además, voces de distintos sectores y grupos sociales.”. O eixo narrativo do livro de Belli é o planejamento de uma ação de assalto a casa do General Vela, importante figura na ditadura no país fictício de Faguas – que aparece em diversas obras da autora, sendo utilizado por Belli como metáfora para Nicarágua. Esse assalto à festa em homenagem ao embaixador norte-americano tem com objetivo trocar reféns por presos políticos do *Movimiento* – referência a FSLN -, assim como a divulgação de um manifesto político. No mundo da não-ficção, o assalto a casa de Castillo, foi uma ação vitoriosa para a FSLN que, entretanto, deu início a um período de maior repressão por parte do regime somozista, violência que enfraqueceu as posições que defendiam que “os Somoza” tinham o direito de governar o país. Segundo Matilde Zimmermann (2006: 72), “a repressão de 1975 e 1976 enfraqueceu seriamente a ideia de que Somoza teria o direito moral de governar a Nicarágua, ou de que poderia continuar a fazê-lo com alguma estabilidade.” Nesse momento a FSLN consegue romper o silêncio e se coloca novamente como principal força revolucionária no país, retomando a condução da luta antisomozista que desemboca na vitória em julho de 1979<sup>12</sup>. Outra similitude importante de ser ressaltada, é a que se estabelece entre a personagem fictícia Lavínia e a própria Gioconda Belli, o que faz com que a primeira seja uma construção autobiográfica da autora. Ambas são mulheres de classe média alta, que abandonam as “programações ancestrais” ao buscarem independência da família e de maridos, se envolvem em movimentos revolucionários e utilizam de sua profissão para obter ajuda em ações políticas. Sendo assim, a partir de Lavínia Belli busca narrar, através da ficção, seu processo de integração à FSLN, e o evento emblemático de sua vida que a “condenou ao desterro”.

Devido a repercussão dessa ação num primeiro momento Belli sai em viagem com seu marido pela Europa, a fim de não ser descoberta sua participação. Contudo, inevitavelmente seu envolvimento chega ao conhecimento da ditadura e é condenada pelo Tribunal Militar Especial. Com isso, é impedida de retornar à Nicarágua, permanecendo no exílio de 1974 à 1979, ou seja, até o dia da vitória sandinista. Estabelece-se provisoriamente no México e, posteriormente de maneira mais definitiva, na Costa Rica, locais de onde se sustenta de sua atividade intelectual.

Analisaremos, a seguir, algumas questões que consideramos fundamentais para compreendermos esse período de sua trajetória: os países escolhidos, o papel político que desempenha desde o exílio, as contradições de seu papel de mãe e revolucionária, as reflexões entorno das questões de gênero, a sensação de desterro. Esses pontos aparecem principalmente em seu livro de poemas escrito desde o exílio, e já citado por

---

12 “O objetivo era romper o silêncio, atingir repercussão internacional e afirmar que o somozismo não eliminou o sandinismo após a guerrilha em Pancasán, no final da década de 1960. Assim como em *La mujer habitada*, o sequestro na casa do General Vela seria o que ‘rompería el silencio guardado durante meses en las ciudades.’” (Gontijo, 2019: 55)

seu reconhecimento e premiações, *Línea de fuego* (2014 [1978]), e em seu livro de memória *El país bajo mi piel* (2010 [2001]), em que dedica uma parte inteiramente a experiência exílica. Com isso, partimos para análise desse período de sua trajetória, um marcador para a sua compreensão militante e para o reconhecimento de seu papel na FSLN; momento fundamental para o amadurecimento das reflexões entorno das diferenças de gênero e para uma posição mais decidida no enfrentamento a submissão das mulheres e ao patriarcado, ao lidar com a questão da maternidade, das relações amorosas e da militância, e todas as contradições que envolvem esses elementos na prática cotidiana; também é o momento em que consolida o papel político de sua função intelectual.

Ao partir para o exílio Belli, num primeiro momento, se estabelece no México, país reconhecido pela política priista de recepção de exilados/as latino-americanos/as, principalmente da América Central. Desde lá realiza trabalhos de base com a companheira Andréa, que conhecia desde a Nicarágua e reencontra no México; ao entrar em contato com intelectuais, artistas e instituições culturais mexicanas funda o periódico *Gaceta Sandinista*; e, por fim, trabalha como secretária, digitando o livro de Efraín Huerta, poeta e jornalista mexicano. Essa primeira atuação já nos revela a relação que estabelece desde o exílio com o sua função intelectual.

Posteriormente migra para a Costa Rica com a tarefa de organizar uma militância da FSLN nesse país que, apesar de se destacar pelo caráter geográfico de fronteira com a Nicarágua, não contava com uma militância sandinista organizada de maneira forte e coesa. Assim, torna-se responsável por reativar o *Comité Costarricense de Solidariedad con Nicaragua*, que contava com a atuação de partidos políticos e de intelectuais, o que era, segundo ela, “muy importante para encauzar las simpatías del pueblo costarricense en favor del sandinismo” (Belli, 2010: 181).

Quando rompe com os Terceiristas e se integra à Guerra Popular Prolongada (GPP)<sup>13</sup>, em 1978, torna-se a cara pública do grupo no exílio que, por ser uma tendência menor, contava com menos militantes. Assim, desse momento em diante “dirigía y coordinaba las tareas políticas con el movimiento de solidaridad, los partidos políticos, los organismos internacionales, las redes de apoyo, y me encargaba de los medios de comunicación.” (Belli, 2010: 233) A partir da fronteira contribui com a luta armada ao fazer parte da operação de logística que contrabandeava armas e arrecadava verba para a luta clandestina; além disso, transportava as armas, documentos e dinheiro na fronteira de Honduras e do Panamá. Para desempenhar essas funções e se expor em ambientes públicos, como aeroportos, com os objetos que seriam traficados destaca que, não só

---

13 “A disputa inicial se deu entre a Guerra Popular Prolongada (GPP) e entre a Tendência Proletária (TP). A primeira se identificava com o guevarismo, com a ideia da guerrilha rural baseada na teoria do foquismo e a ênfase nas organizações de massa, de trabalhadores e camponeses, e tinha como principais nomes Tomás Borge, Bayardo Arce e Henry Ruiz, sendo o consenso majoritário na FSLN até então. Já a segunda, de Jaime Wheelock, Luiz Carrión e Carlos Nuñez, ‘defendia o reforço da classe operária e seu papel decisivo na revolução’, dando ênfase nas ações urbanas e nos trabalhadores das cidades, acreditando que as insurreições eram a forma de luta histórica da Nicarágua. Por fim, a Tendência Insurrecional (TI) surge da mediação entre as duas outras tendências, defendendo o foco em ações urbanas e a aliança com setores estratégicos, representada por Daniel Ortega, Humberto Ortega e Victor Tirado.” (Gontijo, 2019: 94) Para aprofundar no que diz respeito as tendências da FSLN sugerimos a dissertação de Igor Santos García, defendida em 2019 na Universidade Federal de Minas Gerais, com orientação da Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio, sob o título *Revolução, democracia e socialismo no discurso político da Frente Sandinista de Libertação Nacional (1969-1984)*.

seu papel como escritora lhe dava cobertura, mas também seus atributos físicos de uma mulher da burguesia: “pensaba que mi estampa de mujer de cierta clase me libraría de las sospechas de las autoridades.” (Belli, 2010: 233)

No fim da década de 1970, assume uma atuação política de caráter internacional como representante da GPP ao participar do *Congreso Continental de Solidaridad con Nicaragua*, no Panamá em 1978 e, na virada de 1978 para 1979, representa a tendência em Cuba, no XX Aniversário da Revolução Cubana, o que demonstra o papel político que passa a desempenhar no interior da FSLN. Em 1979 assume a *Comisión Político-Diplomática del FSLN*, “espece de embajadora de lo que era ya un prestigioso y reconocido movimiento de liberación.” (Belli, 2010: 274), o que vira sua vida de cabeça pra baixo e transforma sua rotina familiar, já que sua casa se torna um verdadeiro centro de atividades sandinistas, reunindo documentos, objetos e militantes (Gontijo, 2019: 67).

Apesar das várias e importantes tarefas dirigentes que desempenha no interior da GPP e da FSLN, não podemos perder de vista que uma de suas atividades fundamentais nesse momento é sua atuação enquanto intelectual. A partir do exílio, Belli organiza uma rede de intelectuais, de onde denunciava os abusos da ditadura somozista na Nicarágua, e o apoio que esta contava por parte dos EUA. Dessa forma, buscava estabelecer um amplo movimento de suporte ao sandinismo, de enfrentamento, denúncia e condenação da ditadura somozista, o que, com a participação dos intelectuais, garantiria a visibilidade necessária. Para Belli (2010: 159), os intelectuais deveriam elevar “[...] su voz, para dar a conocer las incontables y cada vez más cruentas violaciones de los derechos humanos por parte de la dictadura somocista.” Por isso, quando ainda se organizava junto dos Terceiristas, com Sérgio Ramirez<sup>14</sup> organiza um grupo de “nicaraguenses notáveis”, reunindo intelectuais destacados, que posteriormente tornaram-se o *Grupo de los Doce*, “uma organização política não-partidária composta por intelectuais, universitários, eclesiásticos e profissionais que visavam aproximar os diversos setores anti-somozistas, reconhecendo a direção da FSLN e negando qualquer diálogo com a ditadura.” (Gontijo, 2019: 66).

Este grupo, torna-se uma articulação política fundamental para o que se desembocou no estabelecimento hegemônico dos Terceiristas no interior das disputas internas da FSLN, já que colocava em prática de maneira exitosa a estratégia adotadas por esse grupo de articular amplas alianças com setores da esquerda, mas também de forma mais ampla, com a burguesia anti-somozista. De início, tinham o objetivo de organizar essas referências a fim de conformarem uma espécie de governo provisório, uma “gran frente antisomocista que agruparía a partidos, organizaciones, sindicatos y cuantos quisieran unir sus fuerzas contra Somoza. El objetivo era que el sandinismo perdiera su carácter de secta guerrillera y promoviera una alianza nacional para derrocar a la dictadura.” (Belli, 2010: 182) Também com Ramirez, e a partir de sua atuação intelectual, cria o suplemento literário *Solidaridad*, parte do jornal *Pueblo*, onde consolida uma rede de outros/as intelectuais e referências do cenário cultural em defesa da soberania da Nicarágua, organizando campanhas publicitárias, publicando documentos e artigos com vistas a atingir a imprensa internacional.

---

14 Escritor e intelectual nicaraguense, dirigente do *Grupo de los Doce*, também se exilou na Costa Rica. Em 1984 é eleito vice-presidente da Nicarágua, sendo Daniel Ortega o presidente eleito pela Frente.

Assim, devemos compreender a experiência exílica de Belli e sua produção bibliográfica não de forma isolada, mas como uma prática articulada na América Latina. Para Ángel Rama (1998) a tradição do exílio remonta ao início da colonização, momento em que já dominava uma sensação de situação transitória mas que, nem sempre se estabelece dessa maneira. É constante nos relatos a permanente sensação no exilado de viver em um parêntesis, da espera pelo retorno à origem. Luís Roniger (2010), chama atenção para a forma como o exílio é estabelecido no século XX, em contraposição a prática em períodos anteriores, havendo a massificação do exílio político, assumido como uma política de Estado pelos governos autoritários que eram maioria na região. Assim, segundo Raphael Coelho Neto (2017: 39), os Estados antidemocráticos tinham “o intuito de eliminar a presença, em território nacional, daqueles opositores políticos que estiveram legitimados pela sociedade a falar em nome dela, influenciando, por conseguinte, a opinião pública.” Nesse momento a literatura serve ao exilado como local de reflexão, protesto e denúncia. O que é preciso chamar atenção aqui é que, mesmo estabelecendo-se dessa forma, também os exílios foram locais de resistência e de organização/mobilização política, estabelecidas de maneira coletiva e envolvendo pessoas de diversos países:

A ampliação da exclusão institucional deu lugar a uma dinâmica de dispersão dos exilados, o que lhes permitiu gerar amplas redes de solidariedade e centralizar cada vez mais a atenção da esfera pública internacional no exílio como reflexo das políticas de exclusão e de repressão empregadas nos países expulsos. A crescente conscientização produz então uma radical transformação na estrutura, no impacto e na funcionalidade do exílio político nos estados ibero-americanos. (Coelho Neto, 2017: 92)

A partir dessa reinterpretação da vivência no exílio têm-se o estabelecimento de redes de solidariedade internacionais, de intelectuais e de militantes de diversos países, contexto em que atua Belli, num momento em que ocorre uma maior difusão das denúncias, com “a cristalização de coalizões políticas portadoras de nova voz na esfera internacional e com maior poder de pressão tanto sobre os estados expulsos quanto sobre os estados anfitriões” (Coelho Neto, 2017: 105). Dessa forma, essas redes se tornam um elemento importante na luta política contra as ditaduras. No processo exílico de Belli, a partir dessa vivência e atuação política, que ela desenvolve um sentimento de maior pertencimento ao sandinismo, o que corrobora com a definição de Raphael Coelho Neto (2017: 46), segundo o qual “a atuação política dos exilados tendeu a reforçar os laços entre eles e muito políticos e intelectuais dos países nos quais residiam.” Sendo assim, é a experiência dolorosa no exílio, o compartilhamento de vivências e dificuldades próprias que propiciam o reforço dos laços afetivos militantes e de sonhos revolucionários de Belli, o que é reafirmado diretamente por ela, segundo a qual as dificuldades impostas pela situação de desterro gera o desgaste, mas também reforça os laços de construção de um projeto político coletivo, reafirma a esperança: “y sabemos que nada pueda pasar que nos detenga / porque somos semilla y habitación de una sonrisa / íntima / que explotará / ya pronto / en las caras / de todos” (Belli, 2014: 19-20).

Apesar de transformar a experiência exílica em algo positivo e de reiterar a prática e o desejo de transformação revolucionária, entendemos que para a escritora esse processo mantém o sentido de um parêntese, de algo passageiro, permeado pela expectativa do retorno à Nicarágua e pelo sentimento de desterro, o que fica explícito na seguinte passagem e em vários de seus poemas escritos na época: “soy un canto de

lluvia y de nostalgia, / soy de ausencia.” (Belli, 2014: 34). Nessa espera, acaba resistindo aos processos de aculturação e de envolvimento nas sociedades em que viveu, a fim de reforçar o sentido de uma experiência passageira, situando-se “em um estado intermediário no qual não se está ampla e culturalmente integrado ao novo ambiente social nem totalmente liberto do seu lugar de origem.” (Coelho Neto, 2017: 45). Em *Línea de fuego* (1978) explora o sentimento do exílio como uma punição, sentia-se “condenada al destierro”, é descrito como um momento sem luz, escuro, “El tiempo que no he tenido el cielo azul”. Apesar do que já vimos que foi ressignificado, num primeiro momento é a nostalgia de seu país natal, de suas relações familiares e de amizades, a perda da atuação política que permeia esse momento como desterro, como falta de identidade com o lugar em que se encontrava:

[...] es dolor este moverme en calles con nombres de otros días, otras batallas de otros personajes que no son de mi historia. Es dolor caminar entre caras desconocidas con quienes no puedo compartir un poema, hablar de cosas de la familia o simplemente despotricar contra el gobierno. (Belli, 2014: 17)

Quando reafirma sua militância e a transforma desde o exílio, ressalta a necessidade de transformação, do seu estabelecimento em um lugar em que permanece a esperança, em que “es seguro que pariremos / un amanecer / para esta noche larga” (Belli, 2014). As questões de gênero, que compreendemos de maneira articulada ao debate revolucionário e da construção de uma nova sociedade, nos leva a reflexão sobre como a sua retomada de uma atuação política e intelectual organizada, de certa forma determinada pelo papel da maternidade. Como afirmado anteriormente, a atuação de homens e mulheres no exílio se dá de forma diferente, assim como em relação a revolução, devido, principalmente, aos papéis de gênero estabelecidos nas sociedades Ocidentais e colonizadas (Lugones, 2008) - o modelo hegemônico. Enquanto mulher e mãe, Belli carregará a culpa de abandono das filhas como decorrência de suas opções políticas, o que é determinante em sua atuação. Com isso, somente ao reunir-se novamente com as filhas na Costa Rica, muda sua postura em relação ao exílio, liberando-se parcialmente do flagelo da culpa e sentido-se novamente preparada para atuar, ressignificando o cotidiano do desterro:

Volvés a sentir el calorcito en la yema de los dedos, la cosquilla de escribir en el estómago y sos de nuevo poeta, mujer y pájara. Está otra vez fértil y tierrosa [...] En el fondo es como sentir que volviste a nacer, a pesar de todas las trampas de la mediocridad y del exilio. (Belli, 2014: 34)

A questão da maternidade define-se assim como uma constante norteadora da narrativa belliana sobre o exílio. Se de início era um marcador de fraqueza, que dificultou sua entrada na militância no início da década de 1970, no decorrer do tempo torna-se símbolo de força e resistência, apesar de sempre permeado por dificuldade em manter a coerência na prática cotidiana. As contradições de sua situação no exílio, no que diz respeito ao debate de gênero e classe, são fundamentais; a própria Belli, em suas memórias (2010 [2001]) reconhece que não teria sido possível conciliar a maternidade, o trabalho intelectual e a militância política se não tivesse outra mulher que trabalhasse para ela, garantindo as tarefas relativas aos cuidados – de suas filhas e da casa. Essa outra mulher não era das classes abastadas como ela, mas sim de classe baixa na Nicarágua, que se muda para Costa Rica para desempenhar esse papel em sua trajetória. Fica exemplificado que, mesmo com relações que ressignificaram os papéis de gênero, a culpa da ausência materna e sobrecarga de trabalho mental sobrecarregava as mulheres,

e que sua atuação só foi possível porque podia contar com o trabalho de outra mulher. Em suas obras esse é um tema recorrente e, segundo ela, cria estratégias para conciliar a maternidade com o papel que desempenhava na militância:

Creo que desde pequeños yo les transmitía a mis hijos un sentimiento de confianza en sus propias capacidades. Sólo así me explico que cada uno de ellos sobreviviera sin traumas irreparables a las agitadas circunstancias de su infancia. [...] Creía firmemente que desarrollarían las reservas necesarias para ser felices y no pensaba que su felicidad dependía solamente de mí. Sin esta actitud jamás habría juzgado que la maternidad era compatible con el tipo de vida que llevaba. (Belli, 2010 [2001]: 231)

Essa sua posição faz parte da responsabilidade que assume enquanto intelectual, já que sua escrita é comprometida, permeada pelo debate de desconstrução de gênero de maneira relacional com a questão de classe e da desigualdade. É a partir dessa concepção que se faz possível a articulação do projeto revolucionário com uma agenda política para as mulheres, ao compreender a diferença de gênero como algo estrutural.

A reflexão feita por Belli no que diz respeito a maternidade, papéis de gênero e atuação política nos é importante por trazer a tona os limites impostos pela sociedade patriarcal - que se organiza na submissão das mulheres e na sua supressão ao espaço privado -, ao envolvimento das mulheres na política e, no caso sandinista, na mobilização revolucionária, dos sacrifícios colocados as mulheres diante do papel tradicional que lhes fora conferido<sup>15</sup>. O que, para Silvia Federici (2017: 21), significa que “na sociedade capitalista a identidade sexual se transformou no suporte específico das funções do trabalho, o gênero não deveria ser tratado como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe.” Para Belli fica latente a forma como as relações de gênero e classe são interseccionais, desde o momento em que trata da opressão sofrida pelas mulheres das classes baixas, até quando aponta que “as militantes de classe média eram consideradas traidoras tanto da sua classe social quanto de seu sexo, por lutarem contra Somoza e por desafiam os papéis de gênero preestabelecidos” (Gontijo, 2019: 49). Além disso, em *La mujer habitada*, discorre sobre como, de início, se sentia excluída do espaço de militância. Lavínia tem dificuldade em se sentir integrada ao *Movimiento*, devido a sua origem privilegiada:

Se parecían los pies de su madre... qué culpa tenía ella de aquella madre, de aquellos pies aristocráticos... [...] Ella se había comprometido a luchar por los dueños de los pies toscos, pensó. Unirse a ellos. Ser una ellos. Sentir en carne propia las injusticias cometidas contra ellos. Esa gente que era el “pueblo” de que hablaba el programa del Movimiento. Y, sin embargo, allí, junto a ellos en la sala de emergencia sucia y oscura del hospital, un abismo los separaba. La imagen de los pies no podía ser más elocuente. Sus miradas de desconfianza. Nunca la aceptarían, pensó Lavinia. ¿Cómo podrían aceptarla alguna vez, creer que se podía identificar con ellos, no desconfiar de su piel delicada, el pelo brillante, las manos finas, las uñas rojas de sus pies? (Belli, 1996: 149 – 158)

---

15 Para compreender melhor de que forma a subordinação e cerceamento das mulheres ao espaço do privado está relacionado com o surgimento do capitalismo e com o processo de configuração da modernidade Ocidental, compreendendo gênero, raça e classe como relacionais, sugerimos o livro da Silvia Federici, *Calibã e Bruxa* (2017).

Na experiência exílica das mulheres não há como a diferença de gênero ser ignorada como eixo de análise. Se, quando não consegue retornar a Nicarágua, devido a sua condenação no Tribunal Militar, fica permeada de culpa, não consegue se estabelecer no México pela ausência e distância de suas filhas; ao retornar para seu país natal após a vitória da FSLN seu filho Carlos permanece com o pai, Sérgio, o que explicita a prática da transformação dos papéis de gênero a partir da *práxis* revolucionária, culminando na resignificação da responsabilidade materna a partir da experiência exílica:

[...] [Sérgio] se aferraba a Camilo y yo no tenía corazón para desmontar súbitamente cuanto fuera su vida, sus afectos, y despojarlo de un zarpazo esgrimiendo mais derechos maternales como daga. Él había cumplido su parte. La Maligna, Circe, la Medusa, era yo. [...] Era un padre excelente. Las mujeres no poseíamos el monopolio de la maternidad. Ser consecuente con la aspiración de igualdad entre hombres y mujeres era aceptar que los hombres podían ser madres también. (Belli, 2010: 302)

No momento do triunfo, o retorno do exílio para vivenciar a vitória revolucionária se torna uma urgência, desde uma visão romantizada da guerrilheira de uniforme verde-oliva – referência aos cubanos da Sierra Maestra –, desejo de quem “prefería morir dentro que seguir siendo espectadora de mi país en guerra.” (Belli, 2010 [2001]: 281).

Apesar de Brito e Vasquez (2007) entenderem que as mulheres não se adaptam ao “mito do herói”, identificamos que Belli diverge dessa interpretação e que, a fim de justificar o sacrifício da permanência no exílio, o desejo do retorno triunfal está permeado “no contexto do mito da volta triunfal do herói” (Brito; Vasquez, 2007: 19). Para ela, por mais que sua atuação desde a Costa Rica fosse fundamental, não era de tamanha importância como a de seus companheiros e companheiras que estavam dando a vida pela Revolução em carne e osso, na luta armada. Assim, remete ao exílio como algo que insuficiente dentro do espectro do herói. E, é na ansia de compensar essa ausência que a maternidade, que num primeiro momento fora central, aparece resignificada, ao se mostrar disposta a deixar as filhas e filhos na Costa Rica para partir imediatamente para luta armada.

### Considerações finais

No prenúncio do êxito sandinista os três pontos que permeiam toda sua trajetória se reforçam: a diferença de gênero, sua função intelectual e a maternidade. No momento da vitória, Belli continua exercendo sua função intelectual, ao editar na Costa Rica, o periódico da vitória que é distribuído na Nicarágua, *Pátria Libre*. Parte para Nicarágua com “sensação de que todos os sonhos são possíveis de se tornarem realidade, de que seu país novamente nascia, e se sentindo como uma heroína, volta para Nicarágua.” (Gontijo, 2019: 69). O primeiro ponto se manifesta no impedimento que recebe de companheiros homens diante de sua disposição em partir para Nicarágua logo na primeira oportunidade, segundo ela, o fato de não ter tido autorização da FSLN e da GPP para partir para seu país foi devido ao seu gênero, “de haber sido yo hombre, no me podrían trabas.” (Belli, 2010 [2001]: 282). No que diz respeito ao segundo ponto, ao se ver impedida de partir da Costa Rica, utiliza de seu papel como intelectual para editar o periódico e, com isso, conseguir um transporte e uma justificativa para que dessem prioridade e autorização para seu retorno.

Encaixamos nossa análise do exílio de Belli na definição de Mário Sznajder e Luís Roniger (2013), para quem existem três elementos que caracterizam o exilado: a busca por manter o controle sobre a sua própria vida e trajetória, ao sentirem dificuldade após a exclusão e retirada institucional forçada; a criação de estratégias de sobrevivência no novo ambiente, que é combinada com a criação de imagens distantes da pátria que se manifesta na sua idealização da Nicarágua presente em *Línea de fuego*; e, por fim, o permanente desejo de retorno.

A experiência exílica de Gioconda Belli encontra-se inserida numa perspectiva mais ampla, latino-americana, podendo ser compreendida como uma prática do regime somozista, o que Dirk Kruijt (2009: 66) caracteriza como a ditadura madura dos Somoza, “una combinación de un relativo desarrollo social y un autoritarismo político que tuvo formas más o menos punitivas: ostracismo político, encarcelamiento de los adversarios políticos actuales y potenciales, exilio y asesinato político.”

Mas, ao mesmo tempo, sua trajetória nos mostra aquilo que Rachel Soihet (2010: 209) afirma, de que o exílio não é feito apenas de aspectos negativos, as/os próprias/os exiladas/os fazem um “balanço de suas perdas e ganhos, das dores, dos sofrimentos, mas igualmente das descobertas, das possibilidades que lhes foram abertas em razão dessa sua experiência.” Para historiadoras/es, essa prática coloca desafios para a pesquisa sobre esses processos, o que para Silvia Jensen (2011: s/p), significa lidar com escalas móveis e diversas de análise,

Hacer Historia de los exilios requiere combinar niveles y escalas de análisis múltiples (local, nacional, regional, internacional, transnacional). La vida de los exiliados transcurre en la encrucijada entre un “aquí” y un “allá”, una dualidad que no remite sólo a dos geografías, sino a dos tiempos políticos, existenciales y simbólicos. Esta dualidad fundante del exilio suele acompañar el retorno al país de origen. En no pocos casos, el regreso, lejos de anular el descentramiento vital que condiciona la relación de los desplazados con el mundo y los lleva a definir “adentros” y “afueras”, se reedita y/o profundiza.

Estudar a obra e a trajetória de Belli ainda nos coloca duas outras questões elementares que discutimos: seu papel intelectual e o debate de gênero. Sua literatura pode ser enquadrada no que Vargas-Vargas (2018, s/p) chamou de “nova novela latino-americana” que, ao surgir após o *boom*, teria tido como característica abordar a realidade em suas múltiplas dimensões, tratar das subjetividades. Assim, em nossa dissertação de mestrado (Gontijo, 2019, p.49) concluímos que a obra de Belli se enquadra nessa perspectiva por cumprir com a tarefa do/a escritor/a centro-americano/a de ser testemunho/a da realidade de violência, miséria e heroísmo, na construção de uma narrativa contra-hegemônica da história de seus países e povos. Por fim, não podemos perder de vista como o debate de gênero se coloca de maneira transversal na produção de Gioconda Belli.

As críticas que versa sobre a FSLN partem invariavelmente do ponto da dificuldade em se transformar a prática política para real inclusão das mulheres enquanto dirigentes, e de um compromisso com uma agenda política de/para mulheres<sup>16</sup>.

---

16 São diversas as críticas empenhadas por Belli ao governo da FSLN que se inicia em 1979. Dois são os pontos centrais levantados pela autora, mas que não esmiuçamos na dissertação nem neste artigo,

Ressaltamos que sua experiência demonstra a variada atuação política das mulheres na Nicarágua revolucionária, que perpassa desde a via institucional e defesa dos direitos humanos, até a atuação determinante na guerrilha, destacada aqui nesse trabalho na experiência exílica.

Assim, estudar a trajetória de Gioconda Belli coloca-nos diante da necessidade da historiografia em lidar com a perspectiva das mulheres, que se mostra de extrema importância para compreensão da História, não apenas com o objetivo de incluir as mulheres enquanto sujeito, mas, de propor um rompimento epistemológico com a historiografia produzida até então que negou a participação de sujeitos subalternizados. As análises feitas até então, em sua grande maioria, não partem da chave do gênero, e muito menos feminista, produzindo narrativas insuficientes diante da complexidade da historiografia. Para Ximena Bedregal<sup>17</sup> (*apud* Fonseca, 2018: 231), “las mujeres en la cultura patriarcal vivimos de por sí una especie de exilio de nosotras mismas, somos ‘lo otro’, sin memoria, sin historia, sin genealogía propia en una cultura hecha por y para otros.” Além disso, sua trajetória em muito diverge do que a historiografia já identificou como fundamental na experiência das mulheres no exílio, como a perda da identidade, de forçosamente saírem da posição de militante para se transformarem na mulher dona de casa e esposa do homem que faz política.

Esses relatos são comuns, mas, percebemos como a experiência belliana vai na contramão, sendo o exílio o momento em que se identifica enquanto militante da Frente, que assume mais protagonismo no interior da FSLN, em que ressignifica as suas relações pessoais, que toma projeção internacional enquanto intelectual – tudo isso por contar com o trabalho doméstico de outra mulher, que também ficava responsável pelo cuidado de suas filhas, reforçando a perspectiva interseccional. A experiência de Gioconda Belli aproxima-nos mais da análise proposta por Denise Rollemberg (1999), segundo a qual no exílio as mulheres questionam os papéis de gênero, a estrutura patriarcal da família, do casamento e da maternidade, redefinem seu papel na medida em que tomam as rédeas de sua autonomia financeira e de vida. Por fim, devemos levar em conta que o exílio latino-americano contou com diversos sujeitos, o que inclui as mulheres, com suas multiplicidades de vivências relacionadas com a questão estrutural da diferença de gênero, raça e classe, contrapondo-se às narrativas e análises produzidas que partiram do entendimento de um sujeito universal masculino.

---

por não se tratar do nosso argumento central e ser algo que demandaria um trabalho em separado: crítica a forma como a Frente lida com a desconstrução do patriarcado, o que fica explícito, por exemplo, com a não inclusão das mulheres a Direção Nacional da Frente, o sucateamento da agenda voltada para as mulheres e para diminuição da desigualdade de gênero; em segundo lugar, temos as denúncias da autora em relação a hegemonia dos irmãos Ortega no interior da Frente e a inexistência de práticas democráticas – críticas essas já feitas anteriormente quando rompe com a tendência Terceirista e que se intensifica desde a década de 1980. “Suas críticas, assumidas em suas memórias e, até hoje, presentes quando a autora se refere aos irmãos Ortega, se baseiam, principalmente, na concepção de que, para eles, não importava os meios para alcançar o fim desejado. Com um tom de mágoa, Belli conclui em suas memórias que, ‘se puede ganar una guerra con cualquier clase de personas, pero no se puede construir un sistema justo, con valores éticos, si quienes proponen hacerlo carecen de ellos o sacrifican esos mismos valores en el camino.’ Essa posição crítica diz respeito, muito mais, ao resultado do governo revolucionário e as nuances que levaram Belli a romper com a Frente posteriormente, do que ao seu rompimento com os Terceiristas.” (Gontijo, 2019: 97) Para aprofundar nesse ponto sugerimos a leitura: *Que es un sandinista? As críticas de Gioconda Belli ao projeto revolucionário*, en Vanucci, Amanda Maia. “¿Que sos Nicaragua? Gioconda Belli: memória e o projeto da Frente Sandinista de Libertação Nacional (1972 – 1993). 2019, pp.85-93.

17 Arquiteta, feminista e exilada chilena da ditadura de Pinochet.

## Referências Bibliográficas

Altamirano, Carlos (2006): *Intelectuales: Notas de investigación*, Bogotá, Editora Norma.

Ballestrini, Luciana (2013): “América Latina e o giro decolonial”, *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília. n. 11, pp. 89-117.

Belli, Gioconda (2014): *Línea de fuego*, Manágua, Anamá ediciones.

Belli, Giocond (1996): *La mujer habitada*, Buenos Aires, Emecé editores.

Belli, Gioconda (2010 [2001]): *El país bajo mi piel – memorias de amor y guerra*, Santiago de Chile, Seix Barral.

Brito, Ângela Xavier; Vasquez, Ana (2007): “Mulheres latino-americanas no exílio – Universalidade e especificidade de suas experiências”, *Revista Esboços*, nº17, UFSC, pp.15-34.

Chaguaceda, Armando; Feliciano, Héctor Cruz (2013): “Los intelectuales públicos y el Frente Sandinista en Nicaragua: presencia, desencuentros y actualidad (1990-2012)”, *Cahiers des Amériques latines*, n. 74, p. 139-159.

Coelho Neto, Raphael (2017): *Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas Literatura Chilena e Araucaria de Chile (1977 – 1989)*, Rio de Janeiro, Editora Multifoco.

Costa, Adriane Vidal (2007): *Pablo Neruda: uma poética engajada*, Rio de Janeiro, E-papers.

Costa, Adriane Vidal (2013): *Intelectuais, política e literatura na América Latina: O debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Marques e Vargas Llosa (1958 – 2005)*, São Paulo, Alameda.

Federici, Silvia (2017): *Calibã e a bruxa: mulher, corpo e acumulação primitiva*, São Paulo, Elefante. Trad. Coletivo Sycorax.

Fonseca, María Isabel Burgos (2018): “Feminismos y exilios. Genealogías del feminismo latinoamericano”, en Soledad Lastra (Org.). *Exilios: un campo de estudios en expansión*, Buenos Aires, CLACSO, p.223 – 236.

Gilman, Claudia (2003): *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario em América Latina*, Buenos Aires, Siglo XXI.

Garcia, Igor Santos (2019): *Revolução, democracia e socialismo no discurso político da Frente Sandinista de Libertação Nacional (1969-1984)*. Dissertação (Mestrado). Kátia Gerab Baggio, orientadora. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Gontijo, Stella Ferreira. “*Hasta que seamos libres*”: *feminismo e Revolução Sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972 – 1993)*. Dissertação (Mestrado). Elisa de Campos Borges, orientadora. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 209 f.

Jensen, Silvina (2011): “Exílio e historia reciente. Avances y perspectivas de un campo em construcción”, *Aletheia*, v. 1, n. 2, pp. 1-21.

Kruijt, Dirk (2009): *Guerrilla: guerra y paz en Centroamérica*, Guatemala, F&G Editores.

Rama, Ángel (1998): *La riesgosa navegación del escritor exiliado*, Arca, Montevideo.

Lugones, María (2008): “Colonialidad y género”, *Revista Tabula Rasa*. Bogotá, n. 9, pp. 73-101, jul./dez.

Mignolo, Walter (2008): “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. In.: *Cadernos de letras da UFF – Dossiê Literatura, língua e identidade*. N° 34, Niterói, pp.287-324.

Rocca, Pablo. (Org.) (2008): *Literatura, cultura e sociedade na América Latina: Ángel Rama*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

Rodrigues, Lygia (1996): “O Sandinismo e a Revolução Nacional e Democrática na Nicarágua”. In: Dayrell, Eliane Garcindo; Iokoi, Zilda Gricoli. *América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas*, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura.

Rolleberg, Denise (1999): *Exílio: entre raízes e radares*, Rio de Janeiro, Record.

Roniger, Luis (2010): “Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX”, *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 1, pp. 91-123.

Rouquié, Alain (1994): “Introducción”, en *Las fuerzas políticas en América Central*, México, Fondo de Cultura Económica.

Sá, Roger dos Anjos de (2014): *A Revolução Sandinista [manuscrito]: do triunfo à derrota (1979- 1990)*. 259f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Said, Edward (2005): *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*, São Paulo, Companhia das Letras.

Scott, Joan (1995): “Gênero: uma categoria útil para análise história”, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n. 2, pp. 71-99.

Sirinelli, Jean-François (1996): “Os intelectuais”, Rémond, René. *Por uma história política*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Ed. FGV, pp. 231-270.

Soihet, Rachel (2010): “Mulheres brasileiras no exílio e consciência de gênero”, em Pedro, Joana Maria; Wolff, Cristina Sheibe (Orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*, Florianópolis, Ed. Mulheres, pp.208 – 224.

Sznajder, Mario; Roniger, Luis (2013): *La política del destierro y el exilio en América Latina*, México, Fondo de Cultura Económica.

Vanucci, Amanda Maia (2019): *¿Que sos Nicaragua? Gioconda Belli: memória e o projeto da Frente Sandinista de Libertação Nacional (1972 – 1993)*. Dissertação (Mestrado). Elisa de Campos Borges, orientadora. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 130f.

Vargas-Vargas, José Ángel (2015): *Introducción a la novela centroamericana contemporánea*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.

Vargas-Vargas, José Ángel (2013): “La incorporación de la voz femenina en la novela centroamericana contemporánea”, *Revista Comunicación*. Costa Rica, v. 12, n. 2, pp. 113-120.

Zimmermann, Matilde (2006): *A Revolução Nicaraguense*, São Paulo, Editora UNESP.

Zinani, Cecil Jeanine Albert (2006): “Literatura e história na América Latina: representações de gênero”, *Revista Métis: história & cultura*, v. 5, n. 9, pp. 253-270.